



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

### O QUE TE ALUCINA? ARTE E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM GÊNERO

Camila Ramos Cunha (1); Eliomaya Mirelle Fernandes Gomes Da Silva (1);

*Universidade Potiguar Laureate International Universities, lep@unp.br*

#### **Introdução**

Neste trabalho, apresentamos um relato de experiência de pesquisa-intervenção, visando cartografar processos de subjetivação em arte e gênero, presente nos banheiros de duas instituições de ensino superior do Rio Grande do Norte, com o objetivo de analisar tais processos encontrados em diferentes expressões: desenhos artísticos, rasuras, críticas escritas em paredes e portas, pensamentos alheios, frases, citações de autores, e tantas outras expressões, registrados em forma de fotografia, e reunidos aqui no presente trabalho. O que nos afetou a realizar essa cartografia foi o interesse em analisar, fotografar e experimentar tal forma de expressão de subjetividade num local que reflete arquitetonicamente os limites de um espaço privado, ou seja, em meio ao fenômeno da comunicação escrita existente nesse local (visto as infinidades de mensagens deixadas pelos usuários uns aos outros) surge nos banheiros, uma *Heterotopia*, um espaço absolutamente outro. (FOUCAULT, 1964)

#### **Metodologia**

Utilizamos o método Cartográfico realizado por meio de registros fotográficos dos banheiros femininos e masculinos, de duas Instituições de Ensino Superior do RN. Como também materiais para a realização da pesquisa-intervenção baseada na Arte-Relacional (ROLNIK, 2002), utilizando 13 cartolinas, 13 canetas, e fio *nylon*.

#### **Resultados e discussão**

Após a realização da cartografia como método de pesquisa nos banheiros das Instituições Superiores do RN, e registrado por meio da fotografia as diversas mensagens escritas existentes dentro desses espaços, trazemos esse fenômeno da comunicação em conformidade com a Teoria de Michel Foucault, surgindo então nos



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

banheiros, uma *Heterotopia*, ou seja, espaços absolutamente outros, espaços diferentes para comunicação que não foram reservados para isso, justapondo uma regra em um lugar real, que normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis para o fenômeno, há vários registros de comunicação nos limites impostos (paredes e portas), uma contestação dos espaços onde diariamente vivemos, um “não lugar” que desabrocha como um espaço imaginário, onde “a linguagem se entrecruza com o espaço” (FOUCAULT, 1984, p 36). Partindo da premissa de que a língua não é um sistema fechado voltado para o próprio sujeito, mas sim, uma reprodução de valores, crenças, e regras, políticas, sociais, biológicas ou materiais, a linguagem em forma de escrita também carrega toda esta bagagem cultural que o sujeito se encontra (GUATARRI, 2012). Levando isto em consideração, o próprio banheiro público é um ambiente envolto por uma semiótica, sendo ele atravessado por valores biológicos, pois inicialmente é dividido pelo aspecto baseado nas diferenças genitais/sexo, os quais, muitas vezes, são utilizados como argumentos para impedir a entrada de transgêneros.

Diante desta reflexão sobre gêneros, banheiros e pichações, posto o que foi fotografado pelas cartógrafas, analisamos processos de subjetivação em gênero nas formas de comunicação que foram deixadas nos banheiros das instituições de ensino superior. Sob essa ótica, encontramos, no banheiro feminino da universidade pública, mensagens como, por exemplo: “Somos mais do que corpo. Trans-luz para o bem”. Observamos na pichação da figura<sup>1</sup>, a contestação das categorias que situam o gênero e o sexo num discurso enquadrado e formado, a fim de tornar evidente o caráter que é construído, tal qual a matriz heterossexual de poder. Ao afirmar que “somos mais do que corpo” evidencia o conceito de que não há uma relação necessária, por exemplo, entre o corpo de alguém e o seu gênero (BUTLER, citada por SALIH, 2012). No caso, a autora desconhecida ainda acrescenta o prefixo “trans” que significa além de, ou para além de. Logo, além ou para além do corpo. Expondo uma reflexão sobre o devir sujeito e o que pode o corpo ao devir outro. Já na figura<sup>2</sup>, a pichação que foi feita no banheiro feminino provoca reflexão e crítica a esse modelo de identidade de gênero, fazendo levantar questões como o que é “ser mulher” ou “ser homem”, notamos na figura que há uma junção entre as duas genitálias, tanto uma vagina, quanto um pênis, e uma silhueta que não distinguimos se é feminina ou masculina, desfazendo gênero e fazendo refletir sobre a sexualidade culturalmente construída, e tornando ainda mais evidente o caráter de construção, em oposição ao “natural” (BUTLER, citada por SALIH, 2012).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Figura 1 - Pichação na cabine do Banheiro Feminino da Universidade Pública do RN



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 2 - Pichação na parede do Banheiro Feminino da Universidade Pública do RN



Fonte: Elaborada pelo autor.

Encontramos também, mensagens de afirmação de gênero como efeito da relação com o dispositivo da sexualidade, por exemplo, “Minha buceta é um poder”. Inscrição feita a garranchos e caneta, e logo abaixo se encontra uma frase como resposta digitada em um papel com letras minúsculas: “Não tenha dúvidas, você tem um imenso valor para Deus. Ele te ama”, ou seja, após alguém afirmar a sua liberdade, se empoderar, há outra pessoa agenciando este processo, reafirmando valores religiosos que para ela, vão de frente a tal afirmação. Nos banheiros masculinos encontramos em sua maioria mensagens de cunho sexual explícito, tais como, “Chupo Rola, Curte? ”, “Faço Tudo, me ligue XXXX-XXX”, “Quero machos discretos nada afeminados, deixe recado. ”, “21 Cm grosso, me ligue”, “Quero dar pra você, ligue XXXX-XXXX”, “Dar o cu é bom”, e outras pichações de viés político: “Marx Morreu”, “Não vote”, “Tarifa Zero”. “Chega de Utopia Socialista” entre outros. Todos registrados em fotografias. Ressaltamos que tais mensagens registradas e ilustradas, até agora, foram encontradas em uma instituição pública, na qual, realizamos o processo de cartografia em todos os



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

departamentos das áreas de conhecimento acadêmico (Humanas 1, tecnológicas, biomedicina, humanas 2, física, etc.).

Mais adiante, continuamos nosso processo de pesquisa, agora, na instituição de ensino superior privado, entretanto, nos surpreendemos com o resultado, havia no total, dentre 8 banheiros masculinos e femininos, menos de 10 registros (frases) em caneta que ainda restavam em algumas portas e banheiros, com resquícios de tentativas para apagá-las, como também portas e paredes que não apresentavam nenhum tipo de rasura, ainda intacta, sem qualquer vestígio de comunicação. Diante de tão poucos registros, e de uma diferença tão grande entre os banheiros de uma universidade e outra, decidimos realizar nossa pesquisa-intervenção por meio do trabalho com arte relacional (ROLNIK, 2002). Gostaríamos que os usuários dos banheiros de tal instituição superior privada expressassem suas opiniões, ou mesmo o que lhes viessem à mente, criando um espaço imaginário como Foucault aponta, dentro destes locais. Um espaço que, aparentemente, nunca havia existido entre eles naquele lugar, uma intervenção que manifestasse as suas percepções, os seus discursos, os seus saberes, articulando o visível e o enunciável: “a linguagem, o olhar e o espaço.” (FOUCAULT, 1984).

Logo, como se tratava de uma instituição privada, houve uma grande burocracia até ser autorizada a proposta de intervenção dentro dos banheiros, após 1 mês de negociações, a limiar foi concedida. Colocamos cerca de 13 cartolinas espalhadas dentro das cabines dos banheiros, tanto femininos, quanto masculinos, colamos na parte de dentro da cabine, e as canetas foram presas a um fio *nylon* à disposição de quem entrasse nelas e quisesse se expressar. Cada cartolina continha 1 pergunta, que ao total somavam-se 13 perguntas em cada banheiro, sendo elas: “Para você o que é ser Mulher? ”; “Para você o que é ser Homem? ”; “Você concorda que travestis e transexuais utilizem o banheiro masculino? Porquê? ”; “Você concorda que transexuais utilizem o banheiro feminino? Porquê? ”; “Você é a favor da criação de banheiros unissex? ” “Defina seu corpo com uma palavra”; “Queremos saber... O que te alucina? ”; “Escreva o que se passa na sua cabeça neste momento. ” Os cartazes ficaram expostos por um período de 24 horas na universidade, e no outro dia foram recolhidos. De forma surpreendente e inesperada, o resultado foi bastante satisfatório, as cartolinas no banheiro feminino foram praticamente rabiscadas em sua totalidade, sem sobrar muitos espaços em branco, a participação foi intensa, e nos banheiros masculinos também houve a participação apesar de ter sido em número menor, mais ainda assim pôde ser



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

verificado os processos de subjetivação manifestados por meio da escrita. A comunidade discente frente as perguntas, pôde expressar suas opiniões, por exemplo, à tal questão: “Você é a favor de que travestis e transexuais utilizem o banheiro feminino?” Que obteve as seguintes respostas: “Não, pois os homens podem literalmente se aproveitar da situação. ”, “Não, pois as mulheres de fato perdem a privacidade”, “Não, pois eles não deixaram de ser homens”, “Claro que não, homossexualismo é uma opção. Fisicamente são homens”, “Não, independente do sexo que ele escolher, continua sendo homem”, “Não, porquê são homens. Deus não criou gays (homossexuais) ”, “Tenho medo de pegar uma doença sexualmente transmissível”, “Não, porquê homem sempre será homem, com os ovos pendurados ou não. ”, “Não sou a favor, pois travestis e transexuais são diferentes de mulher. ”, “Tem que ter um banheiro próprio para eles”, “Sou a favor da criação de banheiros unissex”, “Será que por uma parte vai ser bom? Os travestis usarem o banheiro feminino? Vai ver quando eles verem a sensualidade das mulheres vão virar héteros, kkkk. ” “Sim, pois eles têm que ter seus direitos assistidos. ” “Sim. Um beijo pras travestis. ” “Sim, pois eles não são mulheres de nascença, mas são mulheres de espírito. ” “Devem usar o que acharem melhor, a decisão é individual, usam o que acharem melhor. ” “Sim, são mulheres também. ”, “Tanto faz, é meu último ano aqui mesmo...”, “SÃO MULHERES”. Já as respostas no banheiro masculino foram: “Concordo. Pois ele é um ser masculino. Não vejo nenhum problema”, “Nem todo travesti é um gay (homossexual), então não vejo problemas. ”, “Não concordo porque elas ficam querendo comer os bofes aqui dentro, KKK!!!”, “Gênero x sexo x sexualidade”, “Sim. ”, “Aqui não é lugar para vocês, iguais não justificam. ”, “Sim, eles têm pica. ”.

### **Conclusão**

Os questionamentos oferecidos às pessoas se eram a favor da utilização do banheiro masculino ou feminino por transexuais/travestis ou a criação de um banheiro unissex, expõe o reflexo da ignorância sobre as teorias da travestilidade, transexualidade e a intersexualidade no geral que a comunidade discente ainda carrega, levantando argumentos rasos e preconceituosos aos processos transgressores da heteronormatividade. Reflexo este, que ainda é observado em perguntas do tipo, “O que é ser homem?” e o “O que é ser mulher? ”, trazendo respostas com estereótipos de imagem, configurações sobre estas figuras ligadas somente à genitália, a performatividade de cada um, e até mesmo a associação da transexualidade a doenças



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

sexualmente transmissíveis. Há ainda que se traçar um percurso para expandir a discussão do assunto, e a respeito da matriz heterossexual que ainda permanece enraizada nas opiniões alheias e no meio acadêmico.

### **Referências Bibliográficas**

FOUCAULT, Michel, **O corpo utópico, as heterotopias**, São Paulo: N-1, 2013.

GUATTARI, F., & ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografia do desejo**. 10ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, 8(2). 2009.

ROLNIK, Suely. **Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea**. Jornal Valor, São Paulo, ano II, n. 96, 12 abr. 2002.

SALIH, Sara, **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.